

**A LINGUAGEM COMO MEDIADORA DO CONHECIMENTO
PARA ALUNOS SURDOS E DEFICIENTES AUDITIVOS**

Cristiane Regina Silva Dantas (UENF)

crisdopc@yahoo.com.br

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a linguagem como mediadora do conhecimento para alunos surdos e deficientes auditivos, refletindo sobre a atuação do profissional tradutor intérprete de libras/língua portuguesa, como profissional de suma importância no processo de mediação da linguagem para com esses educandos, e, também, sobre a necessidade do professor de sala de aula conhecer sobre as especificidades linguísticas dos mesmos.

Palavras-chave: Mediação da linguagem. Aluno surdo. Deficiente auditivos. Professor. Intérprete de libras.

**É pela linguagem que construímos conceitos,
que aprendemos a cultura
e nos tornamos humanos**

(Albres, 2015, p. 68)

O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a linguagem como mediadora do conhecimento para alunos surdos e deficientes auditivos, refletindo sobre a atuação do profissional tradutor intérprete de libras/língua portuguesa, como profissional de suma importância no processo de mediação da linguagem para com esses educandos, e, também, sobre a necessidade de o professor de sala de aula conhecer sobre as especificidades linguísticas dos mesmos.

De acordo com Marcia Goldfeld (1997), a linguagem além de possuir a função comunicativa tem também a função de constituir o pensamento e à luz de Lev Semenovitch Vygostky, a autora considera o processo de aquisição de linguagem como algo que vem do exterior para o interior, através das interações do meio social para o indivíduo.

Refletindo sobre isso, sobre o social para o indivíduo, ao pensarmos na linguagem usada no ambiente educacional entre docentes e discentes no contexto de sala de aula, vem logo a nossa mente alunos ouvintes que acompanham as suas aulas pela modalidade oral da língua portuguesa através de sua audição, com os diversos tipos de linguagens abordadas pelos professores em suas dinâmicas de aulas. A linguagem usada na interação aluno-professor é de suma importância no processo de aquisição de conhecimentos e formulação de pensamentos dos educandos, pois a mesma acaba assumindo um papel de mediação dos conhecimentos que são produzidos ao longo da vida escolar dos mesmos. Agora, ao imaginar uma sala de aula que tenham alunos surdos ou deficientes auditivos, usuários da libras (língua brasileira de sinais), que para receber as informações passadas pelos professores dependem muitas vezes ou exclusivamente da presença do profissional tradutor intérprete de libras/língua portuguesa (TILSP), a configuração da linguagem do professor acaba tendo que perpassar por este profissional que ao ouvir o que é trabalhado com a turma, tem que em sua tradução e interpretação passar adiante o que foi proferido.

No entanto, como muitos professores não conhecem profundamente a libras e sua estrutura gramatical e linguística, acabam nem sempre conseguindo contextualizar suas explicações para que uma pessoa surda ou com deficiência auditiva acompanhe diretamente os exemplos dados pelo professor, o que acaba ficando às vezes ao encargo do tradutor e intérprete de libras/língua portuguesa, que em suas escolhas tradutórias tenta equiparar sua linguagem a do professor, quando também acaba assumindo o papel de mediador do conhecimento nessa interação tripla, entre docente-discente-intérprete.

Dessa forma, o intérprete educacional usa do discurso do outro (professor), vai enunciando simultaneamente com suas próprias palavras/sinais e construindo estratégias para trabalhar em prol do ensino-aprendizagem do aluno surdo. (ALBRES, 2015, p. 69)

Devido às pessoas surdas e deficientes auditivas, usuárias da libras, terem como natureza uma língua na modalidade espacial-visual, a atenção do olhar e percepções se dão de modo a aguçar mais o sentido da visão, o que favorece para que outros recursos além da explanação da aula oralmente, possam vir também a ser explorados. A exemplo de recursos visuais que quando trabalhados se trabalha também a linguagem não-verbal e auxilia na construção de conceitos que sem esses recursos pudessem ainda estar abstratos para os alunos surdos e deficientes auditivos.

Em suas escolhas tradutórias o profissional tradutor intérprete de libras-língua portuguesa, dependendo do conhecimento de língua de sinais que tenham os alunos que estão recebendo a interpretação, poderá vir a interpretar de modo mais simples ou complexo ao reconhecer o nível de conhecimento linguístico da língua de sinais apresentados pelos alunos, o que poderá ser mais um determinante no tipo de linguagem que se é usada em aula com estes. Neste caso, aos poucos este profissional poderá ir mediando o aumento dos vocabulários, maturidade e compreensão dos conceitos do que foi explanado em aula em suas próprias interpretações ao inserir novos sinais que até então seriam de desconhecimento por parte dos alunos.

A respeito disso foi feito uma pesquisa envolvendo profissionais tradutores intérpretes de libras/língua portuguesa (TILSP) que atuam na educação básica, com a seguinte indagação:

- ❖ Em situação de sala de aula, ao se deparar com alunos surdos e/ou deficientes auditivos que possuem sinalizações em libras com um número restrito de vocabulários em sinais, que estratégias você utilizaria, enquanto tradutor intérprete de libras/língua portuguesa para passar adiante as informações passadas pelo professor durante suas explicações?

Foram entrevistados seis profissionais tradutor intérprete de libras/língua portuguesa, obtendo as seguintes respostas:

TILSP 1 No momento da aula, se não tiver planejado, vou utilizando classificador ou até mesmo algumas “mímicas” para que o aluno possa compreender, caso já tenha tido acesso ao conteúdo, levaria imagens ou o próprio celular com internet para ilustrar o que o professor está explicando, assim mostrando as imagens, vou ensinando os sinais, contexto e a palavra em português para que o aluno possa estar aumentando o seu vocabulário e compreendendo melhor a explicação.
TILSP 2 Tive um aluno que era analfabeto funcional. Era complicado, mas usávamos o celular. A fala com ele era restrita, usávamos sinais limitados e totalmente direcionados.
TILSP 3 Bem eu explicaria de uma maneira simples e objetiva, usando de todos os meios possíveis, inclusive pedindo para os próprios alunos dar algum sinal provisório, incorporação de personagens, enfim usaria todas as estratégias para que os conteúdos fossem esclarecidos de uma forma adequada.
TILSP 4 Uso de classificadores ajuda muito. Mas como intérprete educacional procuro usar tempos vagos para pesquisar sinais com os alunos com o objetivo de enri-

quecer o vocabulário. Outra estratégia é o uso de mais sinais sinônimos mais conhecidos para facilitar o acesso à informação.

TILSP 5

Fiquei responsável por interpretar para alunos do 6º ano do ensino fundamental em uma das escolas e assim que comecei notei que uma aluna não compreendia os sinais, pois não respondia com coerência as perguntas que eu fazia. Logo os outros alunos surdos me informaram que ela não sabia libras o suficiente para haver uma comunicação. Ela não conseguia se comunicar, construir um pensamento nem se expressar. Os outros alunos surdos, por não conseguirem se comunicar com ela, de certa forma, a excluíam. A aluna em questão não conseguia fazer parte da comunidade ouvinte nem da surda, pois não tinha uma língua que permitisse a ela ter uma identificação com a cultura surda muito menos a cultura ouvinte. Solicitei então, ajuda aos outros alunos surdos, todos da mesma faixa etária da aluna. Pedi que a acolhessem, que se esforçassem para se comunicar com ela e que a permitissem ficar sempre com eles nos intervalos das aulas. Enquanto isso na sala de aula orientei os professores quanto a particularidade da aluna que além de não saber o português escrito também não tinha libras o suficiente para haver uma comunicação plena. A maioria dos professores compreendeu e adaptou não só as avaliações como também as atividades diárias de acordo com o que era possível naquele momento para aluna.

TILSP 6

Peço ao professor para usar ilustrações, figuras... ou desenhar no quadro. Faço mímicas. Como sugestão indico levar a turma para sala de informática.

Como podemos observar, tivemos nas respostas dos tradutor intérprete de libras/língua portuguesa alguns recursos que utilizam para que a linguagem pudesse exercer sua função comunicativa, tais como: uso de classificadores em libras (morfemas), mímicas (a qual não é considerada sinais em libras), recursos visuais como imagens e materiais pesquisados na internet, uso de sinônimos, sinais provisórios (não existentes ainda), linguagem simples, pesquisa de sinais, ensino dos sinais e de seu contexto, para que assim o vocabulário pudesse ser aumentado, houve quem relatou pedir o auxílio de outros surdos para que na interação com outros pares surdos o processo de aquisição de linguagem pudesse ser efetivado.

Através dos relatos dos profissionais tradutores intérpretes de libras/língua portuguesa que atuam no campo educacional e, que por isso, são conhecidos como intérpretes educacionais, podemos perceber a preocupação dos mesmos de serem efetivos agentes mediadores da comunicação, quando se atentam sobre o recebimento e entendimento das informações que estão sendo passadas aos alunos, pois sabem que os mesmos dependem muitas vezes deles para ter acesso aos conteúdos escolares e avançarem academicamente.

De acordo com Ronice Müller Quadros (2004) o tradutor intérprete de libras/língua portuguesa em sua atuação faz escolhas lexicais, estru-

turais, semânticas e pragmáticas a partir do que recebe de informação na língua fonte tentando assim fazer com que na língua alvo essas informações fiquem o mais apropriadamente possível.

Cabe esclarecer aqui que não é de obrigação do tradutor intérprete de libras explicar os conteúdos dados em sala de aula pelos professores aos alunos com surdez, pois essa é a função do professor.

De modo geral, aos intérpretes de língua de sinais da área da educação é recomendado redirecionar os questionamentos dos alunos ao professor, pois desta forma o intérprete caracteriza o seu papel na intermediação, mesmo quando este papel é alargado. (QUADROS, 2007, p. 60)

No entanto, conhecendo a realidade brasileira de falta de profissionais para se trabalhar o atendimento educacional especializado com esses educandos, nas suas três modalidades: ensino de libras, Ensino em libras e Ensino de língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Atendimentos estes que favoreceriam uma maior autonomia e pleno desenvolvimento dos educandos surdos, não só socialmente como também linguisticamente. O que acaba por ocorrer é que muitos intérpretes que tem também alguma formação pedagógica, acabam por assumir uma dupla função de professor intérprete quando se deparam com as dificuldades apresentadas por alguns alunos em relação a certos conteúdos dados em aula e também por se preocuparem com a formação escolar que esses alunos vêm recebendo ao longo dos anos que permanecem na escola.

Parece-nos que as secretarias de educação têm se eximido da construção de programas de educação bilíngue, pois não garantem outros profissionais necessários para a implementação dessa política, como o professor bilíngue para o Ensino Fundamental I, o instrutor ou professor de libras surdo, professor bilíngue para o ensino de português como segunda língua, professor bilíngue para o trabalho de reforço escolar. Cabendo ao intérprete atuar em diferentes frentes. (ALBRES, 2015, p. 15)

Refletindo agora sobre a figura do professor de sala de aula regular com alunos surdos, ator principal responsável pelo processo de ensino-aprendizagem deles, é de suma importância que o mesmo busque conhecer esses educandos, sua língua e estrutura linguística da mesma, para que sua linguagem fique acessível ao intérprete, pois ficando acessível a este profissional, a informação passada na língua de origem fluirá com mais facilidade na língua alvo. Sobre essa questão, Neiva de Aquino Albres (2015) nos esclarece que:

Quanto melhor o professor ouvinte (locutor) conhecer do aluno surdo, conhecer da língua de sinais e dos processos de interpretação, melhor ele atingirá

a compreensão desses outros para quem enuncia (intérprete e aluno surdo), pois poderá desenvolver estratégias específicas. (ALBRES, 2015, p. 71)

Para que seja efetiva a participação docente no processo de escolarização dos discentes surdos, caberá ao professor à busca por orientações e conhecimentos acerca da peculiaridade linguística dos surdos, entendendo as implicações presentes no processo de ensino-aprendizagem, trazendo para si a responsabilidade de ensiná-los, assim como ensina aos demais alunos da turma, falantes da língua portuguesa na modalidade oral-auditiva, devendo ter o tradutor intérprete de libras/língua portuguesa como um parceiro de profissão que poderá auxiliá-lo nessa mediação da linguagem, do ensino e entendimento sobre o sujeito surdo.

Concluindo, entendendo que “os seres humanos desenvolveram a língua para se relacionar” (ALBRES, 2015, p. 68) e pensando agora na escola como um espaço abrangente de relações interpessoais, é fundamental que os diversos atores presentes no processo educacional dos alunos surdos se interessem por se comunicar com estes educandos, evitando ficar dependente somente na figura do intérprete educacional (TILSP), pois assim os discentes surdos além de se sentirem incluídos, se sentirão também à vontade para se expressar e se relacionar, pois é através “da atividade mediada pela linguagem que o homem transforma mundo” (ALBRES, 2015, p. 68), devendo ser essa a contribuição principal da escola para com os alunos surdos, de através das atividades escolares mediadas pela linguagem eles conseguirem transformar o mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *Intérprete educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva*. São Paulo: Harmonia, 2015.

BRASIL. *Decreto nº 7.611*, de 17 de novembro de 2011

_____. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005.

_____. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus, 1997.

QUADROS, Ronice Müller. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.